RCE REVISTA CIENTÍFICA EDUC@ÇÃO
ISSN 2526-8716

ACOLHENDO O CUIDADOR: A IMPORTÂNCIA DA SAÚDE MENTAL DA MÃE DE UMA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

RESUMO
O objetivo deste artigo consiste refletir sobre a saúde mental da mãe e/ou cuidadores da criança com transtorno do espectro autista (TEA), pois é o cuidador quem acaba sendo mais vulnerável ao processo de aproximação e enfrentamento do diagnóstico, vivendo de maneira integral e anulando-se, muitas vezes, de outras vivências. Observa-se, então, a importância das intervenções psicopedagógicas em relação a figura materna, primeiramente no trabalho de aceitação do transtorno, e, em seguida, aprendendo a lidar e assumir a responsabilidade do cuidado e desenvolvimento da criança. Este trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica com caráter exploratório e de natureza qualitativa, trazendo sentido para os pais/cuidadores das crianças com autismo, que precisam de um acompanhamento individualizado e eficaz. Entretanto, os cuidadores também precisam ser cuidados, melhorando sua autoestima, e, consequentemente, ajudando no desenvolvimento da criança. Esse apoio profissional, a partir de um psicopedagogo, trabalhando a acolhida e a afetividade, será de grande valia para o sucesso de um bom tratamento.
Palavras-chave: saúde mental; TEA; psicopedagogia.

ACOGIENDO AL CUIDADOR: LA IMPORTANCIA DE LA SALUD MENTAL PARA LA MADRE DE UN NIÑO CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA

RESUMEN
El objetivo de este artículo es reflexionar sobre la salud mental de la madre y/o cuidadores del niño con trastorno del espectro autista (TEA), pues es el cuidador quien termina siendo más vulnerable al proceso de abordaje y afrontamiento del diagnóstico, viviéndolo de forma integral y muchas veces anulándose de otras vivencias. La importancia de las intervenciones psicopedagógicas con relación a la figura materna se puede observar, en primer lugar, en el trabajo de aceptación del trastorno, y luego en el aprendizaje de afrontar y asumir la responsabilidad del cuidado y desarrollo del niño. Este trabajo consiste en una investigación bibliográfica de carácter exploratorio y cualitativo, aportando significado a los padres/cuidadores de niños con autismo, que necesitan un seguimiento individualizado y efectivo. Sin embargo, también es necesario cuidar a los cuidadores, mejorando su autoestima y, en consecuencia, ayudando al desarrollo del niño. Este apoyo profesional, por parte de un psicopedagogo, trabajando la aceptación y el afecto, será de gran valor para el éxito de un buen tratamiento.
Palabras-clave: salud mental; TEA; psicopedagogía.

WELCOMING THE CAREGIVER: THE IMPORTANCE OF MENTAL HEALTH FOR THE MOTHER OF A CHILD WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER

ABSTRACT
The objective of this article is to reflect on the mental health of the mother and/or caregivers of a child with autism spectrum disorder (ASD), since it is the caregiver who ends up being more vulnerable to the process of approaching and facing the diagnosis, living in a comprehensive manner and often canceling out other experiences. Therefore, the importance of psychopedagogical interventions in

relation to the maternal figure is observed, first in the work of accepting the disorder, and then learning to deal with and assume responsibility for the care and development of the child. This work consists of bibliographic research with an exploratory and qualitative nature, bringing meaning to the parents/caregivers of children with autism, who need individualized and effective monitoring. However, caregivers also need to be cared for, improving their self-esteem, and, consequently, helping in the development of the child. This professional support, from a psychopedagogue, working on acceptance and affection, will be of great value for the success of good treatment.
Keywords: mental health; ASD; psychopedagogy.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a saúde mental da mãe e/ou cuidadores da criança com transtorno do espectro autista (TEA). Neste sentido, faz-se necessário compartilhar a minha história pessoal, a fim de que a relevância social desse tema de pesquisa possa ser justificada.

A escolha do tema desta pesquisa acontece, pois hoje me coloco como sujeito ativo desta reflexão, meu filho foi diagnosticado com o transtorno do espectro autista aos 2 anos e 6 meses, ao receber o diagnóstico senti a falta de um olhar de cuidado com quem estava recebendo esse laudo, o diagnóstico que iria mudar toda a vida e a rotina dessa família, principalmente da cuidadora, que buscou neste espaço de pesquisa uma ferramenta de elaboração e comunicação.

Receber um diagnóstico de um filho, por vezes, é algo que nenhuma família espera, pois a chegada de um filho traz consigo idealizações, sonhos e esperanças futuras. Quando os cuidadores observam, que os marcos do desenvolvimento não estão acontecendo dentro do esperado para a faixa etária, começam a buscar por profissionais que possam auxiliar nesta compreensão da realidade.

Em muitas situações, esses profissionais só são capazes de dispensar um olhar para a criança que está em processo de avaliação, exercendo uma mediação médica ou terapêutica que desconsidera a mãe e/ou cuidador(a), não conseguindo acolher situações, como: de que forma está a vida desse cuidador? Quais são seus medos? Quais são as suas limitações? Quais direcionamentos estão recebendo? Um diagnóstico muda muita coisa na vida de uma família, causa angústia, rebaixamento de energia, é como se fosse uma passagem de luto, um processo de início de aceitação. Há situações em que a própria orientação profissional pode ser equivocada, com indicações de que com o tempo a criança irá se desenvolver, que tudo não passa de um atraso, acabando por prejudicar o processo avaliativo.

A minha dor de mãe atípica veio junto com o processo de avaliação e diagnóstico, sentimentos de solidão, a sensação de perda, uma dor imensurável que não foi olhada, ouvida, tampouco cuidada. Esta mãe atípica desempenha outros papeis sociais, também é dona de casa, mãe de outros filhos, profissional, esposa, mãe solo, ou seja, transita entre muitas responsabilidades e funções.

Atualmente, já começamos a encontrar pessoas, instituições que dispensam um olhar diferenciado e de acolhimento para com o cuidador, foi por meio de uma Organização Social que conheci outras mães que, assim como eu, estavam perdidas, sem forças para seguir. Recebi tamanho apoio, que comecei a fazer pesquisas e a estudar para ajudar o meu filho e, de alguma forma, me ajudar também.

É por este caminho que cheguei ao curso de graduação em Psicopedagogia e hoje me ocupo em pesquisar sobre o modo como a psicopedagogia pode ter um olhar de empatia pelo cuidador. Se não cuidarmos da mãe atípica, como ela irá auxiliar seus filhos? Como será possível diferenciar suas dores e as dores da criança, sendo que, muitas das vezes, quando ela era criança seu acolhimento também foi negligenciado?

Muitas mães e/ou cuidadores (as), não tiveram acesso a uma experiência de cuidado e acolhimento na infância. Neste contexto, como seria possível oferecer suporte à sua criança? Afinal, quem cuida do cuidador? A jornada da maternidade atípica é ainda mais complexa e imprevisível.

A maternidade atípica se refere às mães que lidam com a criação de filhos que necessitam de cuidados específicos. Nesta pesquisa, estamos tratando das mães de crianças diagnosticas com o transtorno do espectro autista.

A tarefa de cuidar não é fácil, e solitária, desafiadora, muitas das vezes os cuidadores deixam de lado a própria vida, sua carreira, vida social para se dedicar ao outro. o transtorno, seja qual for, que causa dependência para as atividades de vida diária afeta a vida do cuidador e de toda família. Há um acúmulo de tarefas que geram a necessidade de reorganização de papéis e adaptação em várias esferas, muitas vezes, inclusive, com a necessidade de adaptar até mesmo o ambiente. Gerando uma sobre carga física e mental para a quele que cuida.

Muito já se fala sobre a criança autista, muitos artigos científicos, pesquisas, mas pouco se fala do cuidador, quem cuida dessa criança, como está a saúde mental do seu cuidador, o que pouco se fala é do suporte que a mãe atípica necessita. Esse suporte pode se psicológico, físico e social, a ausência dele gera exclusão, ausência de tempo para o autocuidado, um esquecimento da singularidade que constitui o ser que cuida. Existe muita romantização na dor de um cuidador, na sua devoção, procuram diminuir usando muitas das vezes o termo guerreira, tendo em vista que é apenas para diminuir seus esforços diários que não são poucos.

METODOLOGIA

Para a preparação desse artigo foi realizada uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e exploratória, cujo objetivo foi refletir sobre a contribuição da psicopedagogia na saúde mental do cuidador de uma criança com o transtorno do espectro autista.

Neste sentido, o conceito de pesquisa bibliográfica, discutida por Gil (2002, p. 44), diz respeito a pesquisa que [...] "é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos". O autor complementa, que: [...] "boa parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas" (Id, p. 43).

Por meio da pesquisa bibliográfica foram realizadas leituras de aportes teóricos que ampliam a discussão da temática. A pesquisa foi elaborada por meio do viés teórico de Zanatta, Guimarães, Ferraz e Motta (2014), Buscaglia (2006) e Winnicott (1994, 1999, 2005), analisando os sentimentos maternos.

Diehl (2004), afirma que a pesquisa qualitativa expõe a qualidade de um fato ou uma questão vivenciada, sendo capaz também de colaborar no seu processo de mudança, tornando possível um consenso entre as diferentes qualidades de pessoas.

Também é uma pesquisa exploratória, porque segundo Gil:

> estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições (2002, p. 41).

Analisando que há pouco material sobre a psicopedagogia e a saúde mental do cuidador de uma criança com TEA, foram utilizados, principalmente, livros de autores renomados e artigos científicos. A partir dos conceitos propostos, elaborou-se o texto deste artigo.

Desta forma, este trabalho buscou dentro de outros artigos falar sobre a importância do olhar e da de escuta da psicopedagogia para a saúde mental do cuidador, amparado em seus medos e dúvidas, buscando trazer para a família e para o cuidador uma sensação de bem-estar, por saber que este está sendo ouvido e orientado para que todos possam ter o mesmo foco, a autonomia da criança dentro do espectro. Sabemos que o cuidador precisa ser cuidado, amparado e orientado para que tenha clareza do seu papel mediante aos desafios diários que o transtorno traz para o indivíduo e para a família.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Autismo é um termo geral utilizado para descrever um grupo de transtornos do neurodesenvolvimento, hoje conhecidos como Transtornos do Espectro do Autismo (TEA). Pessoas com esse diagnóstico comumente têm prejuízos, que podem variar em menor ou maior grau, em duas áreas: comunicação social e comportamentos repetitivos e restritos. Esses prejuízos podem resultar em

dificuldades em diversos contextos da vida como familiar, escolar, social, dentre outros. Cerca de 1% das crianças recebem o diagnóstico de TEA e suas principais manifestações ocorrem geralmente antes dos primeiros três anos de idade (Autismo e Realidade; s/d).

A chegada de uma criança muda completamente a rotina da família. É um acontecimento marcante que exige atenção, tempo, energia, afazeres e recursos financeiros dos pais, que podem se sentir exaustos e com o sentimento de não serem suficientes em atender todas as demandas.

Quando a criança está sendo gerada, existe por parte da família uma idealização, sonhos dos primeiros passos, das primeiras palavras, já se fala qual a carreira que se deseja para seus filhos, quais esportes a criança fará, no pré-natal não se fala de uma criança atípica.

Quando um diagnóstico vem com essa criança, em muitas situações, o diagnóstico chega de paraquedas, após o laudo muitas famílias iniciam a procura por terapias, por conhecimentos, para entender mais sobre o que é o TEA. Desta forma, inicia-se uma busca por informações, muitas das vezes, enfatizam muito sobre a intervenção precoce.

Bosa (2006), chama a atenção para a importância de se diagnosticar precocemente o autismo, pois quanto mais cedo se começar o tratamento, melhor será o prognóstico da criança.

A busca por uma intervenção de qualidade, com terapeutas qualificados, atualmente, há uma indicação para a mediação, a partir das contribuições da ciência ABA, em que existe comprovação cientifica da sua eficácia. No entanto, na maioria das vezes, o orçamento familiar não é suficiente e, a partir desse momento, inicia-se uma corrida contra o tempo, pois já sabemos da importância da mediação precoce. Neste contexto, como podemos compreender as demandas emocionais, sociais e cognitivas do cuidador? Como a sua saúde mental é acolhida? Considerando que a mediação do sujeito avaliado com TEA se estende por toda a vida, a realidade da família de baixa renda pode ser cruel, pois, em muitas situações, o SUS (Sistema Único de Saúde) não é capaz de oferecer um suporte suficiente, que seja capaz de suprir todas as necessidades de saúde e terapêuticas. Por esse motivo, muitas e muitos cuidadores (as) passam a buscar formação específica para executar um apoio de boa qualidade aos seus filhos(as).

De acordo com Buscaglia (2006), deparar-se com as limitações do filho, em qualquer família, é sempre um encontro com o desconhecido. Enfrentar essa nova e inesperada realidade causa sofrimento, confusão, frustrações e medo. Por isso, exercer tanto a maternidade como a paternidade torna-se uma experiência complexa, e, mesmo existindo o apoio de inúmeros profissionais e outros familiares, é sobre os pais que recaem as maiores responsabilidades.

Muitas mães com o diagnóstico dos filhos deixam suas profissões, diminuindo sua jornada de trabalho ou se reinventando para conseguirem cuidar do novo contexto de vida, conciliar sua jornada de terapias, médicos e exames.

A cada dia enfrentamos desafios que estão para além do comum. Com a chegada do diagnóstico a vida da família pode se tornar uma montanha-russa de sentimentos, inseguranças e lutas. Uma das maiores complicações que enfrentamos é a incompreensão da sociedade sobre o autismo. A sociedade muitas das vezes julga, olha de forma equivocada ou simplesmente ignora as necessidades que uma criança com necessidades especiais demanda. Isso pode incomodar profundamente.

Avaliando especificamente mães, Schmidt e Bosa (2007) encontraram que os altos níveis de estresse estão relacionados com o excesso de demanda de cuidados diretos do filho, com o isolamento social e com a escassez de apoio social. As autoras identificaram que as atividades de vida diária, como vestir-se, fazer a higiene e sair sozinho, e as dificuldade de comunicação da criança estão entre as variáveis que mais contribuem para a sobrecarga das mães.

E importante salientar que nem todo sujeito que tem o transtorno do espectro autista (TEA) são iguais, cada família tem uma demanda, tem uma dor, uma rotina e cultura, e importante observar essa mãe na sua singularidade.

Neste contexto, teceremos considerações sobre as contribuições da Psicopedagogia no trabalho de mediação da saúde mental e acolhimento do cuidador/cuidadora.

Primeiramente é necessário compreender o conceito de Psicopedagogia, que segundo a ABPp (2019, p. 1) é definida como: [...] "um campo de conhecimento e ação interdisciplinar em Educação e Saúde com diferentes sujeitos e sistemas, quer sejam pessoas, grupos, instituições e comunidades".

Ainda segundo o documento, a Psicopedagogia tem como objeto de estudo a aprendizagem humana, considerando os sujeitos e sistemas, a família, a escola, a sociedade, o contexto social, histórico e cultural.

Desta forma, destacamos que a Psicopedagogia compreende o processo de aprendizagem, a partir de 4 níveis: organismo, corpo, inteligência e desejo. Como já mencionado, como uma área interdisciplinar, abarca muitas outras contribuições, como: psicologia, pedagogia, fonoaudiologia, psicanálise, nascendo para compreender o processo de aprendizagem humana e as dificuldades que podem surgir nesse processo.

Quando o psicopedagogo inicia um atendimento com uma criança, observa-se o sujeito na sua individualidade, buscando auxiliar não apenas o sujeito, mas a sua família como um todo. Para se ter um bom relacionamento com o indivíduo é necessário ter uma boa afinidade com os familiares, pois são os cuidadores primários que irão dar continuidade ao trabalho do psicopedagogo no seu ambiente familiar. Ao iniciar a anamnese, de uma forma abrangente, inicia-se também a investigação da queixa trazida pelos pais e professores, nesse momento constrói-se um vínculo entre terapeuta, família e paciente, em outras situações, muitos chegam ao consultório com o diagnóstico fechado.

O Psicopedagogo é encarregado por orientar e motivar os indivíduos no processo de aprendizagem, identificando problemas e implementando planos para superá-los, proporcionando assim que alcancem seus objetivos educacionais. Sua função essencial reside na análise dos processos de aprendizagem, desenvolvendo estratégias para superar deficiências no aprendizado (Delabetha; Costa, 2014).

Ao receber na clínica uma criança com TEA, o psicopedagogo deve observar como essa família (cuidador) recebeu o diagnóstico, como o processo de aproximação com o diagnóstico aconteceu. Desta forma, faz-se necessário um olhar e uma escuta atenta e sensível às particularidades de cada caso, buscando compreender qual o entendimento e manejo da família e/ou cuidadores na situação apresentada, bem como a importância da mediação psicopedagógica.

Nesse contexto, Zanatta, Guimarães, Ferraz e Motta (2014), afirmam que o autismo provoca mudanças no cotidiano familiar, porém, a mudança maior é no cotidiano das mães. Ao perceberem a dependência do filho, as mães passam a dedicar-se totalmente a eles, causando uma sobrecarga física e emocional, tanto com os cuidados gerais do filho como também com todas as outras tarefas, como: casa, atenção aos demais membros da família, emprego entre outros.

Crianças avaliadas com o TEA, na maior parte das situações, exige uma dedicação quase total por parte do cuidador (mãe) para com elas, mediante as particularidades do transtorno, a confirmação do diagnóstico traz para os pais uma exposição de sobrecarga excessiva das atividades para a nova rotina de cuidados para com a criança. Isso acarreta a capacidade de cada membro da família em lidar com esses novos fatores estressantes. No entanto, as mães (cuidadores) são as mais afetadas, por desempenharem um papel de grande importância no lar e a principal responsável pelos cuidados e educação da criança. Geralmente, as mães são as mais atingidas, fato que são elas, muitas das vezes, serem mais presentes nos lares, ou seja, nas tarefas de cuidado.

Em alguns casos, após o diagnóstico do filho, o pai os abandona ou passa a trabalhar mais tempo fora do lar, deixando a mãe com o cuidado principal da criança a e da casa, tornando-as inseguras e solitárias nessa tarefa que as deixam com o sentimento de inabilidade e medo do desconhecido, dessa nova incógnita que é o autismo e as incertezas a respeito do futuro da criança.

As crianças com TEA precisam de muito amor, carinho e dedicação para que possam ter um desenvolvimento saudável e qualificado, os níveis de severidade do transtorno, a dependência da criança em relação aos seus cuidadores, bem como as relações familiares podem colocar em risco o seu desenvolvimento.

A partir dos estudos de Bossa (2007), o psicopedagogo auxilia não somente a criança, mas também aos professores e as famílias. O acompanhamento psicopedagógico durante o processo de aprendizagem é indispensável, já que suas contribuições são importantes para um bom desenvolvimento educacional, por meio das seguintes ações: auxílio aos educadores; orientação aos pais; promoção de encontros socializadores entre o corpo docente, discente, coordenadores, corpo administrativo e famílias entre outros.

Essa carga emocional chega junto com o diagnóstico, que muitas das vezes, não é olhada, tampouco, cuidada, foge ao olhar dos profissionais. Nesta realidade, cabe a equipe multidisciplinar ter esse olhar e escuta para com a família, toda mudança feita após o diagnóstico é preciso ser acompanhada e amparada por terapia, para o cuidador compreender o TEA e qual seu papel a partir do momento presente. No entanto, a realidade de muitas famílias foge desse cuidado, pois o acompanhamento do filho, muitas das vezes, já foge do seu controle financeiro. Sendo assim, nem sempre é possível que esse cuidador receba uma mediação de saúde mental ou até mesmo física.

A terapia familiar afirma, [...] "que a família é mais do que uma coleção de indivíduos separados, é um sistema, um todo orgânico, cujas partes funcionam de uma maneira que transcende suas características separadas". Todavia, mesmo como membros de sistema familiar, não deixamos de ser indivíduos, com corações, mentes e desejos próprios (Nichols; Schwartz, 2009, p. 26).

Quando ao lado da família tem uma equipe multidisciplinar disposta a desenvolver um bom acompanhamento terapêutico, olhando esse individuo junto com a família na sua singularidade, respeitando sua cultura, dando continuidade a um trabalho eficaz e intensivo, este estímulo, muitas das vezes precoce, traz um bom rendimento em seu desenvolvimento social, na comunicação, diminuindo comportamentos inapropriados, que podem estar interferindo na rotina, além de promover e buscar estratégias para a orientação familiar.

Orientar a família deve fazer parte do atendimento psicopedagógico, pois quando o aprendente começa a ter um desenvolvimento dentro do esperado traz conforto para sua família e para toda equipe, isto significa que a intervenção entre equipe e família está dando certo, gerando no cuidador uma sensação de alívio e bem, estar.

> A mãe suficiente boa, começa com um estágio de adaptação onde o bebê precisa dela, com o passar do tempo ela se adapta, cada vez menos, completamente, gradualmente, de acordo com a crescente habilidade da criança para lidar com seu fracasso (Winnicott, 2005, p. 25).

Para o autor, toda criança nasce com uma potencialidade para se desenvolver, mas compete a "mãe suficientemente boa" garantir-lhe sua saúde mental. Porém, como uma mãe que está com a sua saúde mental comprometida, irá poder cuidar do filho, já que também precisa preocupar-se com outros aspectos de sua vida, sejam eles econômicos, profissionais, físicos e emocionais? Nesta situação, o apoio da família e da equipe multidisciplinar torna-se de suma importância, já que, diante de um transtorno como o autismo, cuidar da mãe faz parte do tratamento da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como eixo principal olhar para a saúde mental do cuidador, que por muitas vezes é negligenciado em seu processo de cuidar. Ao estarmos nesse lugar de cuidadora, sentimos a importância de falar sobre essas mulheres, muitas das vezes, esquecidas pela sociedade e pelos familiares, sobre carga materna sem apoio. A maternidade já é uma experiência difícil e, quando vem a maternidade atípica, é mais difícil ainda.

São muitas as mães que vão se deixando para depois, deixando suas carreiras, sua saúde e, muitas das vezes, seus sonhos para trilhar um caminho ao qual não saberá se dará certo ou não. Nesta realidade, aparecem os sentimentos de insegurança, medo, a dificuldade bate à porta a as perguntas aparecem: como seguir? Como ter uma estrutura psicológica fortalecida para dar apoio aquele ser que depende, muitas das vezes, apenas de você. Como lidar com os julgamentos, de que forma a cuidadora e/ou cuidador pode oferecer um bom cuidado sendo que, esse mediador também precisa de cuidado.

Existem muitos pais que recebem o seu próprio diagnóstico do TEA junto com o filho, muitas das vezes, pode ser esclarecedor, mas não são todos que têm esse sentimento, pois se já e difícil em algumas famílias aceitar o diagnóstico do filho, pela sua complexidade, imagina o seu. Por este motivo, é tão significativo o psicopedagogo ter um momento de escuta com os pais, ter respeito pela história de cada um e auxiliar dentro do seu contexto essa família que está chegando em seu consultório.

Mesmo que atualmente, os conhecimentos a respeito do TEA sejam bem maiores, a diversidade

de características desse transtorno ainda surpreende. Goulart e Assis (2002), afirmam que mesmo com o avanço da pesquisa comportamental sobre o autismo, ainda se mantém a falta de conhecimento relacionado ao transtorno, além de informações imprecisas, contribuindo para o despreparo daqueles que lidam com o TEA e, como consequência, causando prejuízos aos familiares e gerando preconceitos.

Ter uma rede de apoio é essencial, seja ela familiar ou terapêutica, sabe-se o quão é eficaz quando terapeuta e família trabalham em conjunto na intervenção, quando os pais e cuidadores estão sendo bem assistidos, quando sabem que seus filhos estão sendo bem cuidados e amparados.

Dessa forma, é aceitável assegurar que a família tem um papel primordial no desenvolvimento da criança e, também, nas intervenções psicopedagógicas. Cada parte mediando com seus instrumentos, em parceria para o desenvolvimento do processo educativo da criança, estabelecendo força para a superação das dificuldades, tornando-se assim facilitadores do seu desenvolvimento integral.

O psicopedagogo precisa ter parceria com a família, a escola e outros profissionais ou instituições comprometidas, buscando chegar a um acordo sobre quais são as dificuldades e as possibilidades de soluções. São esses questionamentos e reflexões, que merecem a atenção do psicopedagogo, podendo transformá-lo em um intermediário entre a criança, a escola, a família e, principalmente, a mãe ou quem exerce o cuidado primário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABPp. Associação Brasileira de Psicopedagogia. *Código de Ética do Psicopedagogo*. 2019a. Disponível em: https://www.abpp.com.br/documentos_referencias_codigo_etica.html. Acesso em: 27 out. 2019.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* - DSM-5. Porto Alegre: Artmed; 2014.

AUTISMO E REALIDADE. O que é autismo? *Fundação José Luiz Egydio Setúbal*. Disponível em: https://autismoerealidade.org.br/o-que-e-o-autismo/. Acesso em: 27 out. 2019.

BOSA; C. A. Autismo: intervenções psicoeducacionais. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. Porto Alegre; 28(1), 47-53; 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbp/a/FPHKndGWRRYPFvQTcBwGHNn/abstract/?lang=pt#ModalTutors. Acesso em: 27 out. 2019.

BOSSA, Nádia A. *A psicologia no Brasil:* contribuições a partir da prática. 3ª ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2007.

BUSCAGLIA; L. F. *Os deficientes e seus pais:* um desafio ao aconselhamento. 5 Ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

DELABETHA, A; DA COSTA, G. M. T. PSICOPEDAGOGIA E SUAS ÁREAS DE ATUAÇÃO. Disponível em: *Revista da Educação do IDEAU*, [s. l.], v. 9, ed. 20, 2014.

DIEHL, A. A. *Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas:* métodos e técnicas. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOULART, P; ASSIS, G. Estudos sobre autismo em análise do comportamento: aspectos metodológicos. *Rev. Bras. Ter. comport. Cogn*. Vol. 4. No. 2. São Paulo. 2002. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151755452002000020007. Acesso em: 2 de nov. 2021.

NICHOLS, Michael P; SCHWARTZ, Richard C. *Terapia familiar:* conceitos e métodos. Porto Alegre: Artmed Editora, 2009.

SCHMIDT, C.; BOSA, C. Estresse e auto-eficácia em mães de pessoas com autismo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 59, n. 2, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672007000200008. Acesso em: 2 de nov. 2021.

WININICOTT, D. W. *A família e o desenvolvimento individual.* São Paulo: 2005.

ZANATTA, E. A; GUIMARÃES, A. N; FERRAZ, L; MOTTA, M. G. C. Cotidiano de famílias que convivem com o autismo infantil. *Revista Baiana de Enfermagem*, 28(3), 271-282, 2014. Disponível em:

http://search.proquest.com/openview/b79b6e0325d3dedf7e3a41bdc036d57b/1?pqorigsite=gscholar&cbl=2040112. Acesso em: 2 de nov. 2021.

Submetido em fevereiro de 2024
Aprovado em maio de 2025

Informações do(a)(s) autor(a)(es)
Nome do autor: Marta Melo Matias
Afiliação institucional: Universidade Santo Amaro
E-mail: martammatias30@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0007-0004-6026-7898
Link Lattes: http://lattes.cnpq.br/85715236789012547

Informações do (a) (s) autor(a)(es)

Nome do autor: Aline Aparecida Perce Eugenio
Afiliação institucional: Universidade Santo Amaro (UNISA)
E-mail: apeugenio@prof.unisa.br
ORCID: https://orcid.org/0009-0008-6026-7408

Link Lattes: http://lattes.cnpq.br/9932609965314172